



BRUNO CASTRO Segurança informática da banca e das grandes empresas portuguesas é frágil

O caça-espiões

Administrador de uma empresa de informática garante que, em Portugal, há espionagem empresarial

POR RICARDO FONSECA

O computador do administrador de uma grande empresa portuguesa foi recentemente violado à distância, alegadamente por um espião que ainda está por identificar. Durante cerca de três semanas, toda a informação guardada naquele aparelho foi transferida, através da Internet, para o exterior do edifício. Para se ter uma ideia da gravidade desta operação, basta dizer que a empresa em causa tem um volume anual de negócios acima dos 500 milhões de euros e que a informação recolhida pelo espião incluía a base de dados dos clientes, os planos de compra e venda, os salários dos funcionários, as características técnicas dos produtos e ainda elementos pessoais sobre o administrador.

Para não levantar suspeitas, o criminoso actuou apenas à noite e durante períodos curtos, justificando-se, assim, os 15 dias que demorou a concluir o *download*. Ainda não se sabe qual terá sido o objectivo final da operação.

«A informação obtida pode atingir um valor muito grande junto da concorrência», arrisca Bruno Castro, 33 anos, administrador-delegado da VisionWare, uma firma de referência na área da segurança infor-

mática. «Só após aquele episódio é que, na empresa atacada, decidiram reforçar a protecção de dados nos computadores»

AO SERVIÇO DO SIS

Quando estudava engenharia informática na Universidade de Coimbra, Bruno Castro descobriu, rapidamente, as fragilidades da Internet. Um dos passatempos dos alunos daquele curso era furar as barreiras de segurança da rede interna da faculdade. Numa segunda fase, exibiam-se a outro nível, conseguindo controlar páginas de Internet sediadas em servidores interna-

O 'datajacking'

Crime que consiste no sequestro de informação contida num computador, e já se registou em Portugal. Os criminosos acedem do exterior à rede de uma empresa, e codificam todos os dados que encontram. Depois fazem chantagem com o administrador, oferecendo-lhe a chave de descodificação em troca de dinheiro.

cionais. «Sempre sem maldade», garante. A brincadeira tornou-se mais séria, quando, em 2005, o empresário se juntou a um grupo de colegas para criar a VisionWare. «Sabíamos que o mercado de segurança informática estava por explorar», conta.

Actualmente, é um dos poucos técnicos certificados pelo Gabinete de Segurança Nacional para auditar redes de organismos como as da Polícia Judiciária e do SIS. «Antes, todos os nossos funcionários foram investigados pelos serviços secretos.» A VisionWare trabalha também com a banca e algumas das principais empresas portuguesas. Por isso, Bruno Castro já não se surpreende quando um administrador lhe liga a dizer que foi alvo de espionagem empresarial. «Detectámos vários casos», garante.

SEM RASTO

«Já aconteceu um administrador pedir-me para violar o *mail* de um funcionário, pois desconfiava de que ele estava a passar informação para a concorrência. É claro que não o fizemos, pois isso é crime», afirma Bruno Castro, que já foi algumas vezes a tribunal, testemunhar, na qualidade de perito.

O empresário revela à VISÃO que tem detectado todo o tipo de intrusões nos sistemas dos principais bancos e empresas nacionais. «Há empregados que violam o *e-mail* do patrão à distância, outros roubam informação antes de se demitirem da empresa. As nossas auditorias incluem sempre os funcionários dos departamentos de informática – eles são todo-poderosos dentro das firmas.»

Uma fonte da Polícia Judiciária confirma que é raro estes episódios chegarem a tribunal, ou porque as empresas não se querem expor ou porque não se consegue detectar o autor dos ataques. «Trata-se de profissionais que utilizam servidores asiáticos, tornando impossível seguir-lhes o rasto», informa a mesma fonte.

Apesar de os bancos terem sofrido prejuízos avultados de dinheiro devido ao *phishing* – quando alguém tenta adquirir informação confidencial, como as senhas de uma conta bancária, de forma fraudulenta –, nem todos aprenderam com isso, como demonstrou um exercício realizado por Bruno Castro. «Enviámos um *e-mail* a centenas de funcionários de uma empresa a solicitar a senha de acesso ao sistema e assinámos essa mensagem com o nome do chefe de informática. Todos os gestores revelaram essa informação.»